

APRESENTAÇÃO

*Celso Amorim*¹

Vem em boa hora esta *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. Em um mundo multipolar cujos contornos vão se delineando com rapidez por vezes desconcertante, é preciso acertar o passo da reflexão sobre a realidade internacional. Redefinir premissas, atualizar parâmetros e rever juízos – tudo isso está na ordem do dia. O pensamento tradicional sobre Relações Internacionais é um campo aberto a esse trabalho. Se a década passada encerrou-se com o questionamento de um conjunto de enunciados sobre a economia global, a década que vai se abrindo pode testemunhar a inovação nas formas de pensar a política internacional.

Conceitos clássicos deverão ser reformulados para dar conta de fenômenos de tipo e alcance inéditos. Sem prejuízo do compromisso com a objetividade descritiva, a qualidade normativa das narrativas sobre o funcionamento da realidade internacional estará sob permanente escrutínio. Paz e guerra, diálogo e força, persuasão e influência, entre outros, compõem a constelação de ideias em que se travará esse debate a um tempo teórico e prático. E será preciso tomar parte nele a partir de perspectiva própria. A feliz escolha do nome desta revista, *Austral*, atesta sua identificação com esse propósito.

Perspectiva própria, mas não unívoca. A pluralidade de ideias e conceitos, marca da reflexão sólida, é o melhor ponto de partida para cogitar de nossa perspectiva sobre a ordem mundial.

Como democracia consolidada e economia em desenvolvimento, o Brasil tem sabido afirmar um ponto de vista independente sobre a ordem global neste princípio de século XXI. Em política externa, demonstramos que a solidariedade pode reforçar o interesse nacional, e que o Sul pode ter um papel construtivo e indispensável na formatação da ordem multipolar.

Isso não ocorreu de forma suave ou sem contestação. Como toda quebra de paradigma, a ruptura com ideias pré-concebidas provocou polêmica e gerou críticas,

¹ Ministro da Defesa e ex-Ministro das Relações Exteriores do Brasil. (austral@ufrgs.br)

umas menos fundadas que outras. Mas hoje mesmo aqueles que criticaram várias das posturas adotadas têm que reconhecer a inédita posição de destaque do Brasil no cenário internacional. E o papel da política externa nessa ascensão tem sido assinalado por analistas de todas as partes do mundo.

Atitudes como as que o Brasil tomou nas negociações da ALCA e da OMC, o impulso dado à integração sul-americana, a aproximação com a África, a formação de grupos como o BRICS e o IBAS, além de posição desassombrada em temas como o Oriente Médio e a busca de solução pacífica para a questão do programa nuclear iraniano, fizeram do nosso país um ator respeitado, cuja participação é crescentemente requisitada.

O retorno do tema da defesa à agenda nacional nos últimos anos dá respaldo a essa postura. Costumo dizer que país pacífico não é sinônimo de país indefeso. Com a Estratégia Nacional de Defesa, o Brasil aceitou a tarefa exigente, e insubstituível, do provimento de seus próprios meios de defesa. Ao fortalecê-los, o Brasil não só diminui suas vulnerabilidades frente às ameaças potenciais de um cenário internacional crescentemente instável, mas também contribui para reforçar a multipolaridade orgânica, que deve ser a base de uma governança mundial mais segura e mais justa.

Abordando temas estratégicos e de segurança, a revista *Austral* contribuirá para o aprofundamento da reflexão sobre esses e outros assuntos de enorme valor para a política externa, a defesa e o desenvolvimento de nosso país.

Que venha o debate!